

LOLITA, MEU AMOR

Terezinha Taborda Moreira

Lolita achou melhor usar o vestido azul-claro de saia justa porque combinava com a bolsinha branca de couro e com o sapato branco que ela tinha guardado para ir em festa. Além disso, como tinha a pele muito branca e o cabelo muito louro, e os olhos de um azul muito raso, ficava toda em cores claras. Gostava assim. No fundo, preferia mesmo passar despercebida.

Do que gostava de verdade era observar as pessoas naquelas festas com barraquinha, quadrilha e tudo.

la beber quentão. Nunca bebeu quentão. Porque era muito quente. Não estava acostumada com a bebida. Mas a bebida despertava nela a maior atenção. Esta noite estava decidida: ia beber quentão. Foi toda transparente para a barraquinha de quentão. Comprou um copinho e saiu de perto da barraca. Não queria que ninguém olhasse se ela ia fazer careta. Bebericou um golinho. Era forte, mas era bom. Bebericou mais um pouquinho, e logo não sentiu mais que a bebida era forte. Achou engraçado acostumar com a bebida na primeira vez que bebia. Mas vai ver que era porque, no fundo, sempre teve um espírito ébrio, que nunca viu na realidade um espaço para encaixar a realidade dela. Não, ela não sonhava. Lolita? Não, isso não. Ela não sonhava. Porque para sonhar também agente precisa de um ponto fixo para apoiar o sonho da gente. Voltou na barraquinha de quentão e comprou mais um copinho. E desta vez não importou em beber na frente de gente estranha. Virou o copo e engoliu um gole grande. Quando voltou a cabeça, uma mulher passou por ela com um chumaço de algodão doce na cara.

Um homem chegou perto dela. Mas ela afastou. Mas o homem aproximou outra vez. Queria conversar com ela. Perguntou o nome dela. Lolita, respondeu. O homem disse que era um nome bonito. Perguntou onde ela morava. Ela disse que era no quarteirão atrás da igreja. O homem disse que não era dali, que tinha ido à festa com um amigo e que estava hospedado lá, na casa do amigo. Conversaram um pouco mais. O homem disse que gostou dela, que ela era bonita.

Ela ficou enjoada. Pensou que ia vomitar. Era o homem. De onde estava, viu um casal que aproveitava um cantinho escuro na beirada da igreja, beijando e tocando os corpos por entre a roupa, despercebido da festa e dos olhos dela. E o homem, ao lado dela, não parava de fazer propostas de pegar nas mãos dela. Ele queria um beijo dela, ela sabia. Viu nos olhos dele. Mas ela não queria não. Deu uma desculpa e afastou depressa, fingindo não ouvir o homem gritando e perguntando o número da casa dela.

Chegou em casa ofegando. A mãe já tinha deitado e deixou a luz da sala acesa, como era o costume. Subiu depressa também para o quarto, e vestiu a camisola longa de renda cor de rosa que ganhou da mãe no último dia que fez anos. Lembrou de fazer uns bugs no cabelo para ele ficar cacheado, e foi deitar com o quentão girando na cabeça.

Pela janela de cortinas abertas entrava a luz da lua. Lua cheia. Luz amarela. Um sono pesado teimava em fechar as pálpebras dela. Por isso ela não sabia como ele entrou no quarto. Só sabia que agora ele estava parado na frente dela, em pé, e encoberto por uma névoa que não deixava ver o rosto dele direito. Ele olhava para ela deitada na cama já tinha um tempo, mas não falava nada. E ela não sabia porque ainda não tinha gritado.

Ele chegou perto da cama e puxou a colcha que ela usava para cobrir. Depois mandou ela sentar na cama. Ela sentou. Mandou ela desmanchar a cara estúpida de surpresa e fazer o favor de fechar a boca que ficou aberta de susto desde que

viu que ele estava no quarto. Ela obedeceu. Depois ele mandou ela soltar e pentear o cabelo, porque não gostava da figura que ela fazia com bugs no cabelo. Ela pegou o pente que estava no criado, tirou os bugs e penteou o cabelo. Depois ele mandou ela tirar a camisola, porque queria que ela ficasse nua. Ela não quis. Ele passou por trás dela e começou a desabotoar a camisola. Mas ela deu um pulo na cama e disse que fazia isso sozinha. E tirou a camisola. E esperou. Ele não falou nada. Só ficou olhando para ela. Depois chegou perto dela, beijou um dos seios dela, depois o outro seio, e abraçou devagarzinho o corpo dela. Ela ficou quietinha. Descobriu que não queria fugir. Por isso não tinha gritado. Aconchegou mais o corpo ao corpo dele. Deitaram na cama e fizeram amor. Depois continuaram bem quietinhos, abraçados. Lolita estava feliz. Não perguntou o nome dele, mas isso não importava. Bastava saber que ele provocava uma explosão dentro dela, que arrebatava os sentidos dela, que fazia ela sentir vontade de segurar a cabeça dele nas mãos e gritar de felicidade.

Ele falou que tinha que ir, mas que ela podia esperar, porque ele ia voltar. Ela perguntou quando, porque sabia que não podia, que não queria ficar muito tempo sem encontrar com ele. Ele falou que vinha uma hora qualquer, que era para ela não ficar preocupada. Ela falou que ia esperar, e virou o rosto para o lado para não ver ele ir embora. E enquanto ele ia embora, Lolita derramou umas lágrimas que misturavam a felicidade de ficar com ele com a saudade que já sentia dele.

No outro dia, a mãe teve que acordar Lolita, porque ela quase não conseguiu levantar e já estava perdendo a missa das 6:00. Ela acordou sobressaltada. Colocou um vestido branco, um véu de renda e pegou o tercinho de contas. E rumou para a igreja com uns passinhos rápidos, sem nem perceber que o sol estava nascendo.